

## **A visibilidade do invisível: Conceitos e Organização do Ensino de Geografia**

Marcos Antônio Campos Couto<sup>1</sup>

### **Introdução**

*O objetivo deste texto é debater o papel dos conceitos na organização do ensino de geografia<sup>2</sup>. Partimos de alguns problemas indicados pela prática pedagógica.*

*Professoras e professores têm freqüentemente preocupações quanto ao significado das palavras, tanto em relação ao entendimento do texto e do contexto onde elas se encontram, quanto na compreensão dos conceitos-chave de sua disciplina. Para muitos, conceituar é entender o significado das palavras.*

Quando alguns conceitos - por exemplo, os de espaço geográfico ou subdesenvolvimento / desenvolvimento - constituem conteúdo de séries anteriores a qual o professor está atuando, eles devem ser simplesmente utilizados na análise de novos fatos ou novamente (re)construídos? Independentemente da resposta, este problema propõe dois momentos em relação ao tema dos conceitos: o da construção e o da utilização. Vygotsky (1989) considera que a utilização correta de um conceito (uma palavra) na compreensão de um fenômeno faz parte da sua construção pela criança. Ou seja, embora a criança possa não definir precisamente os significados das palavras espaço geográfico e subdesenvolvimento/desenvolvimento, ela pode ser capaz de utilizá-las corretamente na compreensão de algum enunciado ou raciocínio. Nesta situação a construção do conceito não se completou, pois não foram contempladas todas as manifestações abstratas e concretas que ele comporta.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Conteúdo de minha tese de doutoramento intitulada “Construção dos Conceitos Científicos e Escolares: caminhos para a organização da educação geográfica”, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia da FFLCH da Universidade de São Paulo (2005).

*De acordo com professores, entre os conceitos desenvolvidos nas aulas, existem aqueles que são mais particulares à geografia: demográfico, povos, cidadania, sociedade, desenvolvimento e subdesenvolvimento. Esta mesma classificação pode ser sugerida a muitos verbetes presentes também nos livros didáticos: Alpes, Chapada, Inselberg e Restinga (retirados do Dicionário Geológico-Geomorfológico), mas também cidadão/cidadania, população urbana/urbanização, desenvolvimento humano, expectativa de vida, pirâmide etária, planejamento familiar, países desenvolvidos e subdesenvolvidos, recursos naturais, agoniza, caudaloso, límpidas, mata ciliar, verdejantes, meandrava, vales, fronteira, etc.*

*Armando Corrêa da Silva (1984) estabelece uma classificação: por um lado existem os conceitos internos da explicação geográfica da realidade, denominados de categorias lógico-históricas de explicação (espaço, lugar, área, região, território); por outro, as categorias empíricas – a cidade, o porto, a indústria, etc – que constituem a base da explicação. Poderíamos, então, conceber a existência de conceitos geográficos da explicação da realidade (lógico-históricas) e de conceitos da explicação geográfica da realidade – que incluiria as categorias empíricas de Armando Corrêa da Silva, mas também os conceitos (geológico-geomorfológicos, climatológicos, cartográficos, pedológicos, hidrológicos, econômicos, agrários, etc) das ciências afins.*

*Por outro lado, desde Vygotsky (1989) e mais recentemente na teoria da aprendizagem significativa de Ausubel, Novak e Gowin (1984), está presente a idéia de que o conteúdo de um conceito é constituído por outros conceitos, na forma de um sistema interdependente (Vygotsky) ou de um mapa conceitual (Novak e Gowin).*

*Geografia, espaço (geográfico), paisagem (natural e humanizada), lugar, região, divisão territorial do mundo, país e mapas são conceitos muito freqüentes e presentes em várias séries no ensino de geografia. Outros estão a estes relacionados: planeta terra, mundo, mar e oceano, meio ambiente, rural e urbano.*

*Para os professores a Geografia é uma ciência que estuda o espaço da humanidade, os fatos e acontecimentos da Terra; é “o todo; não vê separado; o detalhe da geografia é este, é muito gostosa porque trata da vida da gente; há uma geografia natural (física) que deve ser estudada relacionando-a com a vida das pessoas (“ quando fala dos rios, vamos nos remeter aos rios de nossa cidade - por que transbordam e dão enchentes? - por exemplo”).*

*O espaço geográfico é instrumento de trabalho da geografia: é o espaço que a humanidade ocupa; “o espaço refere-se ao lugar que as coisas ocupam e onde os fatos ocorrem” (J. W. Vesentini e V. Vlach<sup>3</sup>). Quanto ao significado da palavra espaço, os alunos o entendem ou como o espaço onde o ser humano vive ou como a natureza é transformada. Em dicionários, o verbete ‘espaço geográfico’ aparece como o “lugar onde nós vivemos, com relações econômicas, sociais, naturais, políticas; onde tem a vida, onde ela acontece”. O verbete ‘geográfico’ aparece como “relativo à Geografia; estuda a vida da gente (aspectos físicos, sociais)”. Para os alunos, estudar o espaço geográfico inclui o estudo do relevo.*

*Para muitos alunos, a paisagem aparece como uma vista bonita, aquilo que vemos, ou como sendo a própria natureza. Compõe-se de atributos naturais e humanos. As mudanças da paisagem mostram as modificações do espaço geográfico – a paisagem mostra o que ocorre com o espaço geográfico -.*

*Por fim, outra questão relacionada ao uso dos conceitos nas aulas de geografia é o da sua relação com a realidade dos alunos. Quando o tema é a cidade onde os alunos vivem, aspectos de sua realidade, há maior participação; sugerindo uma articulação entre geral e particular, abstrato e concreto, conhecimentos prévios e novos significados, que motiva a participação e a compreensão dos conceitos e conteúdos. O mesmo pode ser dito quanto ao uso de reportagens de jornal.*

*Trataremos destes problemas, oriundos da prática pedagógica, através de duas questões:*

---

3 Livro didático “Geografia Crítica”, volume da 5ª série.

1. *O que é conceito? O que é conceituar? Qual o papel do conceito na construção do conhecimento?*
2. *Como se distinguem e se relacionam os conceitos da geografia?*

Vygotsky (1989) demonstrou o papel do aprendizado das matérias escolares no desenvolvimento mental da criança, através dos estímulos que o processo de formação de conceitos exerce sobre o desenvolvimento das funções mentais superiores. O pressuposto é de que a construção dos conceitos é fundamental ao processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos escolares, na medida em que interfere na forma, no método e no conteúdo do pensamento e do raciocínio das crianças.

## 1. O processo de construção dos conceitos pelos alunos: a generalização

*A partir do conceito de paisagem, iniciamos a crítica da concepção empírica de conhecimento. Como vimos, a paisagem é compreendida como aquilo que vemos. Estejamos em São Gonçalo ou no Líbano ou em São Pedro da Serra, aquilo que observamos ao redor constitui a paisagem. Ou seja, independentemente do lugar, aquilo que vemos é o elemento invariável e, portanto, definidor da própria paisagem. Os elementos que compõem as diferentes paisagens são, entretanto, variáveis. Embora em nosso cotidiano não observemos coisas isoladas, estes elementos são descritos, isolados e classificados: uns são denominados naturais e outros humanos. Quando há predomínio dos primeiros, denominamos de paisagem natural; quando há predomínio dos aspectos humanos, conceituamos como paisagem humanizada<sup>4</sup>. Paisagem natural e paisagem humanizada constituem-se como conceitos, como abstrações; entretanto, são abstrações que representam (e, por isso, mantém ligação direta, com) atributos senso-perceptíveis da realidade<sup>5</sup>. Por outro lado, o conceito, assim compreendido, não ultrapassa o caráter de uma classificação da realidade. Afirmar que a paisagem, ou a região, ou o território, ou o espaço compõem-se destes ou daqueles elementos não significa dizer o que eles são.*

*Nesta concepção, conceituar é aplicar, em outras situações, aquele verbete apreendido, de maneira a distinguir uma nova paisagem, classificando-a como natural ou humanizada. Ou seja, apreendido um uma situação particular, agora posso generalizar o uso da palavra paisagem em diversas situações.*

*De acordo com Davýdov (1982), emprega-se o termo 'generalização' na teoria empírica do conhecimento para designar os aspectos do processo de assimilação do conhecimento pelos estudantes. Caracteriza-se pelo trânsito da*

---

<sup>4</sup> Outra forma de classificação é entre elementos urbanos e rurais, dando origem aos conceitos de paisagem urbana e paisagem rural (ou espaço urbano e espaço rural).

<sup>5</sup> Como veremos adiante, o conceito deve permitir ir além daquilo que a nossa senso-percepção conseguem captar.

*descrição de propriedades de um objeto individualizado a sua descoberta e separação em uma classe de objetos similares. Generalizar é estabelecer qualidades análogas em todos os objetos do mesmo tipo ou classe, considerados comuns. Por aquilo que é comum, a análise da generalização se liga indissolúvelmente ao processo de abstração, pois separar, como geral, uma determinada propriedade, implica desmembrá-la de outras, o que permite a criança transformar a qualidade geral em objeto independente e singular de seus atos subseqüentes. O conhecimento do geral, sendo resultado do ato comparativo e de sua fixação em um signo (vocábulo, desenho gráfico, etc.), constitui sempre algo abstrato, não concreto, imaginável.*

*O conceito é a combinação (síntese) de alguns traços abstrato-genéricos convertida em significado de uma palavra. O conjunto de traços generalizados forma o seu conteúdo. Neste processo é necessário distinguir, no conjunto dos atributos, aqueles que são essenciais (constantes, estáveis e subsistentes).*

Este processo de generalização permite esboçar a correlação existente entre a percepção, a representação e o conceito; equivalente ao trânsito do concreto-sensorial ao abstrato-imaginável. A percepção sensorial dos objetos e fenômenos que nos rodeiam é o ponto de partida para todos os níveis de generalização: observar a diversidade concreta de objetos e fenômenos, bem como explicar, em forma oral, os resultados das observações.

No plano das representações, tem já lugar a generalização e a abstração, posto que a criança faz aqui uso da palavra (ou de esquemas visuais ilustrativos); embora estas representações surjam das impressões sensoriais e, por isso, não se desvinculem totalmente delas.

Na aprendizagem, a seqüência “percepção-representação-conceito” tem sentido funcional, processo em que cada novo conceito surge precisamente por essa via e dentro da seqüência indicada.

Mediante a generalização, se efetua a distribuição dos objetos e fenômenos de determinados tipos por grupos ou subgrupos, de acordo com suas semelhanças e diferenças. Com isso, uma das funções centrais do ensino consiste precisamente em proporcionar aos alunos o conhecimento dos

esquemas classificatórios, expressivos da correlação dos conceitos em um ou outro domínio.

Para o autor, então, a tarefa do emprego dos conceitos, de acordo com a literatura psicológico-didática, é que os alunos reconheçam os traços dos objetos e fenômenos, saibam operar com o conceito em sua prática concreta. O conceito comporta o caminho de baixo para cima, do singular (parcial) ao geral, mas também de cima para baixo, do geral ao parcial (singular). Isso significa que é necessário perceber o geral (abstrato) no particular (concreto).

Dominar um conceito supõe dominar a totalidade de conhecimentos sobre os objetos a que se refere o conceito dado; e quanto mais nos aproximamos deles, maior domínio sobre o seu conceito é conquistado. É assim que podemos considerar o desenvolvimento dos conceitos, pois o seu conteúdo muda na medida em que se ampliam os nossos conhecimentos.

*As regularidades do desenvolvimento mental servem de base a uma série de princípios didáticos, em particular ao método intuitivo. Este método também é amplamente utilizado nas classes superiores, onde ao lado da observação direta (ou substituindo-a), temos as experiências (em física e biologia) e os trabalhos de campo (em geografia), por exemplo.*

O processo de catalogação e classificação de vários aspectos da realidade constitui uma parte da história da ciência; e assim podemos conceber a existência, no campo científico, dos conceitos empíricos que acabamos de descrever. Entretanto, seu poder de explicação da realidade é bastante reduzido e seu processo de elaboração apresenta similaridades com a construção dos conceitos espontâneos pelas crianças.

### **A construção dos conceitos científicos**

Para Vygotsky (1989: p. 5) o “...pensamento do homem reflete uma realidade conceitualizada”. Conceitualizada significa generalizada; generalização, do ponto de vista psicológico, é um singular procedimento de apropriação da realidade pela consciência humana. A essência do significado da palavra (conceito) é a generalização, ou seja, justamente o de ser um ato

verbal do pensamento que se apropria da realidade de modo diverso daquele da percepção e da sensação. É, então, no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem<sup>6</sup>.

A partir de Vygotsky, a natureza do processo de desenvolvimento do pensamento deixa de ser exclusivamente biológico, para ser também (ou sobretudo) sócio-histórico. Isto porque o pensamento verbal (encontro do pensamento com a linguagem) tem qualidades que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala.

No livro 'Pensamento e Linguagem' Vygotsky chega a esta conclusão quando expõe as raízes genéticas do pensamento e da linguagem. De acordo com Koehler (apud Vygotsky, p. 29), o comportamento intelectual do homem caracteriza-se pela presença da fala<sup>7</sup> e da imagem<sup>8</sup>. Mais que a presença, o que interessa a Vygotsky é a natureza da interdependência no homem entre a linguagem e o pensamento (imagens), de maneira a comprovar que a fala serve ao intelecto (fala interior), bem como o intelecto faz uso da linguagem para ser estruturado e verbalizado (pensamento verbal).

O pensamento e a fala têm raízes genéticas diferentes. Há uma fase pré-verbal da evolução do pensamento, em que as reações intelectuais rudimentares são independentes em relação à fala. Da mesma forma há uma fase pré-intelectual da fala, em que a sua função é atrelada a formas de comportamento eminentemente emocionais, não tendo "*nenhuma relação com a evolução do pensamento*" (Vygotsky, p. 37).

A evolução do pensamento e da fala, até então separados, unem-se para iniciar uma nova forma de comportamento: "*a fala começa a servir ao intelecto, e os pensamentos começam a ser verbalizados*" (p. 37). Vygotsky

---

6O Método de estudo da natureza do pensamento verbal é a análise semântica, isto é, o estudo do desenvolvimento, do funcionamento e da estrutura do significado da palavra (generalização). Isto significa o método de análise em unidades. Unidade é um produto de análise que conserva todas as propriedades básicas do todo, não podendo ser dividido sem que as perca. A unidade do pensamento verbal (união da fala e do pensamento) é o significado da palavra, seu caráter intrínseco (Vygotsky: 1989).

7Koehler se refere a fala como "*esse instrumento técnico auxiliar infinitamente valioso*".

8 Para Koehler as imagens constituem "*o material intelectual mais importante*". De acordo com Vygotsky, imagens são estruturas visuais não imediatamente perceptíveis. Para Davydov (p. 394) as imagens não diretas da realidade e seu caráter integral, constituem a especificidade do conteúdo do conceito.

identifica dois sintomas desta nova fase em que, segundo Stern (apud Vygostky), a criança descobre que *“cada coisa tem seu nome”*: *“(1) a curiosidade ativa e repentina da criança pelas palavras, suas perguntas sobre cada coisa nova; e (2) a conseqüente ampliação de seu vocabulário, que ocorre de forma rápida e aos saltos”* (p. 37). É a partir daí que o pensamento torna-se verbal e a fala racional. A linguagem passa a ter uma função mental externa - de servir de meio de comunicação -, mas também uma função mental interna, servindo de meio de organização do pensamento.

Para o autor, as *“estruturas da fala dominadas pela criança tornam-se estruturas de seu pensamento”*, fazendo com que o *“desenvolvimento do pensamento [seja] determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos lingüísticos do pensamento e pela experiência sócio-cultural da criança”* (p. 44).

As teses de Vygotsky sobre o nexos entre a instrução e o desenvolvimento, a estrutura hierárquica da consciência e sobre o papel dos símbolos na constituição das funções psíquicas superiores, na opinião de Davýdov (idem, p. 210), achou *“su expresión concentrada, precisión y perspectiva em la idea de generalización que Vygotski elaboró intensamente en los últimos años de su vida”*.

*A trajetória da formação de conceitos, identificada por Vygotsky e seus colaboradores nos estudos experimentais, passa por três fases: agregação desorganizada<sup>9</sup>, pensamento por complexos e pensamento conceitual. Estas três fases, estabelecidas em ordem genética, correspondem a diferentes níveis de generalização.*

*A agregação desorganizada e o pensamento por complexos correspondem ao nível de generalização empírica, em que o conceito é uma palavra que expressa um agrupamento de objetos de características concretas comuns. Ao contrário deste nível empírico, muito próximo da senso-percepção, o conceito científico corresponde à generalização do pensamento.*

Nesta trajetória há uma mudança psicológica fundamental: a transição entre a abstração e generalização das coisas (do pensamento empírico) e a abstração e generalização do pensamento. A generalização do pensar

---

<sup>9</sup>Ou imagem sincrética.

(teórico-científico) cria uma “*pirâmide de conceitos*” que permite passar mentalmente de uma propriedade particular do objeto a outra através do conceito geral (Davýdov: 1982). Essa distinção muda a ordem genética do desenvolvimento dos conceitos, inferiores e superiores. Na abstração e generalização das coisas, inerente ao desenvolvimento dos conceitos espontâneos e empíricos, há o predomínio do particular sobre o geral e do concreto sobre o abstrato. Ao contrário, quando temos uma estrutura de generalização dos pensamentos, nos conceitos científicos, o geral domina sobre o particular, o abstrato sobre o concreto.

A conscientização da própria atividade mental constitui um dos elementos psicológicos fundamentais inerentes ao processo de formação dos conceitos científicos na criança. No início da escolarização, muitas funções intelectuais (percepção, memória, imaginação, atenção, etc.), embora presentes, ainda se encontram indiferenciadas no pensamento da criança. Diferenciando-as e reconhecendo-as como processos do pensamento de um determinado tipo (por ex. a memória, a imaginação), o aprendizado escolar pode conduzir ao seu controle na medida em que desenvolve a consciência de sua existência. Por isso, Vygotsky (1989: p. 84) afirma que “*todas as funções superiores têm em comum a consciência, a abstração e o controle*”. Isto não contraria a idéia de Piaget de que a criança não está consciente dos seus conceitos espontâneos, pois segundo Vygotsky, neste momento, a criança está com sua atenção voltada para o objeto “*ao qual o conceito se refere nunca no próprio ato do pensamento*” (idem, p. 79).

O conhecimento científico pode conduzir ao “*tipo de percepção generalizante, desempenhando assim um papel decisivo na conscientização da criança dos seus próprios processos mentais*”:

“(…) Os conceitos científicos, com o seu sistema hierárquico de inter-relações, parecem constituir o meio no qual a consciência e o domínio se desenvolvem, sendo mais tarde transferidos a outros

*conceitos e a outras áreas do pensamento. A consciência reflexiva<sup>10</sup> chega a criança através dos portais dos conhecimentos científicos. (...) (Vygotsky: 1989, p. 79)*

O estabelecimento das dependências entre os conceitos também constitui um dos elementos psicológicos fundamentais inerentes ao processo de formação dos conceitos científicos na criança. A ausência de um sistema hierárquico de conceitos inter-relacionados parece caracterizar os conceitos cotidianos. No entanto, estes conceitos espontâneos são, posteriormente transformados pelos conceitos científicos, mudando a sua estrutura psicológica, nas palavras de Vygotsky, “de cima para baixo”. Isto porque:

*“Parece-nos óbvio que um conceito possa submeter-se a consciência e ao controle deliberado somente quando começa a fazer parte de um sistema. Se consciência significa generalização, a generalização, por sua vez, significa a formação de um conceito supra-ordenado que inclui o conceito dado como um caso específico. Um conceito supra-ordenado que implica a existência de uma série de conceitos subordinados, e pressupõe também uma hierarquia de conceitos de diferentes níveis de generalidade. Assim, o conceito dado é inserido em um sistema de relações de generalidade. (...)” (Vygotsky: 1989, p. 80)*

A relação com os objetos do conhecimento é sempre mediada por um conjunto de conceitos, um sistema hierárquico de inter-relações.

A combinação entre a formação de um sistema de conceitos e a conscientização da própria atividade mental permite que a criança estabeleça uma nova e especial relação com os objetos: o conceito permite refletir a essência dos objetos, ao estabelecer seus nexos, dependências e relações complexas com a realidade circundante (Davýdov: 1982).

---

<sup>10</sup> Segundo Vergnaud (2003: p. 25), encontramos em Vygotsky, mas também em Piaget, a “idéia de que a conceitualização implica em um retorno reflexivo sobre a própria atividade, enfatiza a relação entre as propriedades do objeto e as propriedades da ação”.

*De acordo com Vygotsky (idem, p. 96), os “níveis mais elevados no desenvolvimento do significado das palavras são regidos pela lei de equivalência de conceitos, segundo a qual qualquer conceito pode ser formulado em termos de outros conceitos de inúmeras formas”.*

*O conceito “um”, por exemplo, pode ser apresentado pelos seguintes conceitos aritméticos: “1000 – 999”, “diferença entre dois números consecutivos”, “qualquer número dividido por si próprio”, etc. Equivalência não significa necessariamente igualdade entre os termos utilizados, mas, sobretudo, correspondência entre os seus significados - o conceito de qualquer número contém suas relações com os outros números -, de maneira que um possa se transformar no outro ou possa, por ele, ser substituído. Além disso, afirma Vygotsky (idem, p. 96), esta equivalência se desenvolve em um sistema de inter-relações entre conceitos de diferentes graus de generalização, que se constroem tanto num nível mais próximo da “apreensão sensorial imediata de um objeto” –, quanto em um nível bastante abstrato - até os “extremos da conceituação abstrata extremamente generalizada” -.*

Podemos considerar que o território, a região, o lugar, a paisagem, etc, correspondem aos conceitos equivalentes ao de espaço. Desta forma, o significado que atribuímos à categoria espaço torna-se o elo “costurador” das inter-relações recíprocas – de uma equivalência conceitual – com os demais conceitos geográficos. Caso este caminho seja correto, podemos hierarquizar os conceitos da geografia pelos graus de generalidade - da concretude à abstração - partindo-se daqueles da apreensão senso/perceptiva de um objeto até um nível bastante abstrato, dos “*extremos da conceituação abstrata extremamente generalizada*”. Seriam a paisagem e o espaço os extremos dessa hierarquia de conceitos?

*O pensar propriamente conceitual compreende, assim, essa possibilidade de designar cada conceito por um infinito de métodos com ajuda de outros conceitos, na forma de uma pirâmide de conceitos e da lei de equivalência, produzindo a ampliação do significado dos objetos, fenômenos, processos, etc, na medida em que estabelece suas interligações (Davýdov: 1982).*

Partindo destes preceitos psicológicos, Davýdov enfatizou os aspectos lógicos da teoria da generalização. Para ele a *“abstracción y la generalización esenciales intervienen como dos aspectos únicos de la ascensión del pensamiento a lo concreto”* (p. 353).

Na produção do conhecimento baseado no método de ascensão do abstrato ao concreto, o homem “desarticula y...retiene mentalmente la especificidad de la relación real de las cosas” que permitirão, através da generalização, determinar a integridade dos fenômenos, estabelecendo “los nexos reales de esa particular relación desarticulada con los singulares fenómenos particulares que surgen en base a la misma”. O que revela o seu caráter mais geral, não são as características particulares dos fenômenos, mas as suas várias interfaces que permitem conhecer suas conexões e relações particulares num determinado todo.

A generalização essencial<sup>11</sup> é a descoberta das inter-relações do geral e do singular. Essa é a definição de M. M. Rozental (apud Davýdov, p. 353), para quem “lo general encierra en sí potencialmente toda la diversidad de lo singular, revelándolo en el proceso de su desarrollo, de su realización y concretización”.

Ao encarnar a riqueza do singular e particular, e ser a conexão do geral e do particular, a generalização demonstra as regularidades presentes no desenvolvimento dos fenômenos. As regularidades nada mais são do que as conexões necessárias de fenômenos singulares dentro de um determinado todo.

Assim, o conceito científico constitui um instrumento de conexão do geral e do singular, como “método deductivo de los fenómenos específicos y singulares a partir de sua base general” (p. 356). Para Davýdov, a reprodução do desenvolvimento dos fenômenos em forma de conceitos permite não apenas a subsistência do singular no geral, mas a dedução do singular através do geral.

Davýdov considera o conceito teórico-científico por seu conteúdo e pela sua forma. O conteúdo é a conexão do geral e do singular, da essência e do

---

<sup>11</sup> Ao contrário da generalização empírica.

fenômeno, captados em seu desenvolvimento. Pela forma, o conceito se apresenta como procedimento dedutivo do singular a partir do geral.

O *“pensamiento de un hombre es el movimiento de formas de actividad de la sociedad históricamente constituidas y apropiadas por aquél”* (Davýdov, p. 279).

*Somente no interior dos modos historicamente formados do processo do trabalho, atividade transformadora da natureza, que são produzidas todas as formas do pensamento* (Davýdov, p. 280). *Os conceitos historicamente formados na sociedade existem objetivamente nas formas de atividade do homem e nos seus resultados.*

Na atividade objetiva-sensorial, os sentidos teóricos (visão, audição e olfato) são expressos em forma verbal. O pensamento empírico – generalidade formal e abstrata – constitui-se nos homens como esta forma verbalmente expressada da atividade dos sentidos teóricos.

O papel do pensamento teórico é reproduzir o sistema de conexões que engendra a entidade concreta como unidade do diverso, revelando a sua essência; o conteúdo do pensamento teórico é o domínio dos fenômenos objetivamente inter-relacionados de um todo integral.

O pensamento teórico opera mediante conceitos científicos que, segundo Davýdov (p. 300), intervem como forma da atividade mental mediante a qual se reproduz o objeto idealizado, o sistema de suas conexões. O conceito se apropria, em sua unidade, da generalidade e da essência do movimento do objeto material; meio de sua reprodução mental, de sua estrutura.

Investigar a interconexão de fenômenos e objetos aparentemente soltos dentro de um todo – em sua constituição - é o papel do conceito teórico, cujo conteúdo, por consequência, é a *“conexión objetiva de lo general e do singular”* (idem, p. 308), do íntegro e do diferentes.

Na produção do conhecimento, deve-se considerar o papel da sensibilidade – dos dados sensoriais – somente relacionado com os diversos tipos de pensamento. Diante de um objeto ou fenômeno sensorialmente perceptível, afirma Davýdov, *“no predeterminamos el carácter de su expresión*

racional” (p. 320). Enquanto o pensamento empírico o considera como um objeto solto, sem conexões, fora de um todo integrado; o pensamento teórico considera este mesmo objeto sensorial no interior de um todo. Assim, não há sensibilidade em geral, mas determinada no interior dos tipos de pensamento. Davýdov considera que o conteúdo dos conceitos teóricos não pode ser reduzido aos dados sensoriais. Isso decorre das suas peculiaridades.

*As conexões gerais das formas e qualidades essenciais do objeto em seu desenvolvimento, não são acessíveis a sensibilidade, embora o pensamento teórico se baseie nos dados reais.*

O processo formativo do pensamento teórico supõe a observação, mas pressupõe a ação cognoscitiva: ação sensório-objetiva de índole cognitiva, que vincula o externo e o interno, o singular e o geral, revela nexos internos; ação objetiva, transformadora do objeto de estudo. Tais características ocorrem no pensamento teórico, reproduzidor do geral na forma de conceito.

A finalidade do pensamento teórico é que o concreto como real unidade do diverso seja reproduzido no pensamento como concreto pensado. Esta reprodução teórica se efetua pelo único método possível e correto no sentido científico: a ascensão do abstrato ao concreto.

Na crítica ao método da Economia Política (1986), Marx afirma que ela reivindica fundamentar-se no real e no concreto. No entanto seu ponto de partida são abstrações simples, confundidas com o real-concreto: *“estudamos um dado país do ponto de vista da Economia Política, começamos por sua população, sua divisão em classes, sua repartição entre cidades e campo, na orla marítima; os diferentes ramos da produção, a exportação e a importação, a produção e o consumo anuais, os preços das mercadorias etc. Parece que o correto é começar pelo real e pelo concreto, que são a pressuposição prévia e efetiva; assim, em Economia, por exemplo, começar-se-ia pela população, que é a base e o sujeito do ato social de produção como um todo”* (p. 14).

Entretanto, a “população é uma abstração, se desprezarmos, por exemplo, as classes que a compõem. Por seu lado, essas classes são uma palavra vazia de sentido se ignorarmos os elementos em que repousam, por exemplo, o trabalho assalariado, o capital, etc. Estes últimos supõem a troca, a

divisão do trabalho, os preços, etc. O capital, por exemplo, não é nada sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem os preços, etc.” (Marx, p. 14).

Marx não despreza aquelas determinações de um concreto idealizado na forma de abstrações simples. Ao contrário, este é o seu ponto de partida: a crítica destas abstrações produzidas pela economia política. Por isto podemos dizer que ele parte, não do concreto, mas do abstrato, da crítica das idéias precedentes da e sobre a economia política.

No método correto, a análise constitui-se da busca das determinações do real, das relações mais profundas, precisas e mais simples entre os fenômenos. Estas conexões dos elementos constituintes de um determinado todo - a sua explicação – permitem decifrar os seus significados. Aqui, desde o início, parte-se do abstrato – de abstrações simples e gerais, bem como de sua crítica – mas que busca retornar e reencontrar o concreto através da rica totalidade de determinações e relações diversas.

Por que as conexões de vários aspectos de um determinado todo constituem o caminho da sua compreensão?

Por que o “concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação” (Marx, p. 14).

Assim, confirma Marx: “... o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado” (p. 14). Entretanto, o processo de transformação do concreto em concreto pensado não é “de modo nenhum o processo da gênese do próprio concreto” (Marx, p. 14).

Partir do abstrato impõe a crítica do conhecimento acumulado; o que não significa desprezar o real-concreto, mas considerar o esforço pretérito da humanidade na produção de conhecimento.

## 2. Conceitos Científicos e Novos Princípios de Organização do Ensino de Geografia

Como vimos, no processo de desenvolvimento intelectual, no início da idade escolar, adquirem papel de destaque a consciência reflexiva e o controle deliberado; funções intelectuais superiores que permitem aos alunos centrar a atenção, abstrair, sintetizar e simbolizar - operações mentais que conduzem à formação dos conceitos - contribuindo para maior conscientização dos seus processos mentais.

Para que isso ocorra é preciso contar com determinados métodos para a instrução das crianças em idade escolar, com grandes implicações no conteúdo e no método de ensino das disciplinas escolares.

De Vygotsky, retiramos a idéia de que o estabelecimento das dependências entre os conceitos constitui um dos elementos psicológicos fundamentais inerentes ao processo de formação dos conceitos científicos na criança.

Na mesma direção, Davýdov considera que para criar nos alunos a generalização essencial, correspondente ao pensamento teórico, é necessário estabelecer uma “tecnologia” concreta de estruturação das disciplinas escolares, traduzida em novos princípios de organização e desenvolvimento dos materiais de estudos e na organização das atividades pedagógicas.

Nucleando os princípios desenvolvidos por Davýdov, há duas idéias básicas:

1ª) *Os materiais de estudo e as atividades pedagógicas devem reproduzir as tarefas do processo de ascensão do abstrato ao concreto, através de suas categorias fundamentais;*

2ª) *Os materiais de estudo e as atividades pedagógicas devem estar a serviço da construção de uma prática conceitual, pois a criança domina o conceito porque aprende a atuar conceitualmente, porque sua prática torna-se conceitual.*

*A prática conceitual reproduz as tarefas da ascensão e tem início com os princípios seletivos e hierárquicos a partir da abstração inicial e dos conceitos básicos de cada ciência.*

### ***Abstração inicial e interdependência dos conceitos básicos da geografia***

O pensamento teórico se move no campo das abstrações. Entretanto, abstrato e teórico não são sinônimos. Nem tudo que é abstrato é teórico. A relação teórica com as coisas do mundo é mediada por abstrações especiais, que pressupõem a estruturação prévia do objeto das ciências correspondentes na cabeça dos estudantes. Por isso que a assimilação dos conhecimentos se desenvolve segundo as leis do objeto da própria ciência e em consonância com as formas de seus conceitos. A estrutura do saber científico, materializado nos critérios intrínsecos de subordinação dos seus distintos conceitos é indispensável na assimilação dos conteúdos e na construção dos conceitos. É por seu intermédio que os estudantes obtêm, por exemplo, o enfoque propriamente geográfico da realidade.

No início do texto, problematizamos um conjunto de conceitos utilizados na prática pedagógica. Vimos também que a assimilação pelos estudantes dos conceitos fundamentais, constitutivos da teoria da disciplina dada, pode lhes proporcionar a compreensão dos seus princípios gerais – o enfoque geográfico do mundo -; o que permite revelar suas manifestações particulares.

Este enfoque geográfico relaciona-se aos princípios da lógica geográfica. Qual é o conteúdo concreto e abstrato dos conceitos geográficos? Como os conceitos da geografia se relacionam, dado que a “exatidão” do conceito relaciona-se ao processo de sua interconexão com outros conceitos?

Para responder estas questões, recorreremos à teoria da geografia, em particular a dois geógrafos brasileiros: Milton Santos e Ruy Moreira. Ambos têm preocupação com as questões epistemológicas da geografia, ao mesmo tempo em que buscam compreender a sociedade capitalista globalizada por intermédio de sua construção espacial.

### **A interdependência dos conceitos geográficos no pensamento de Milton Santos**

Para Milton Santos (2004), o meio geográfico é um meio de vida, um híbrido de materialidade e relações sociais, uma realidade objetiva. Ao se tornar produtor, o *“homem se torna ao mesmo tempo um ser social e um criador de espaço”* (Santos: 1986, p. 4), impondo uma forma particular de arrumação dos objetos e instrumentos através dos quais ele transforma a natureza. O meio geográfico ou meio de vida é o próprio espaço, produto do trabalho, da ação, da história humana.

Mas o espaço não se compõe destes ou daqueles objetos, mas de um sistema de objetos<sup>12</sup> – em contigüidade, interligados e formando uma extensão -, constituído *“pelo conjunto de objetos culturais que, ao lado ou no lugar dos objetos ‘naturais’, cuja significação modificam, formam o que podemos chamar de configuração espacial, configuração territorial ou configuração geográfica”* (1996, p. 61). Entretanto, a configuração territorial não é o espaço, mas apenas a sua dimensão material, dado que o espaço reúne a materialidade e a ação humana. Não há um objeto ontologicamente geográfico<sup>13</sup> - um objeto geográfico em si -, mas uma maneira geográfica de tratar os objetos encontrados. Este enfoque geográfico dos objetos – valor social dos objetos, significação geográfica dos objetos, valor geográfico dos objetos – resulta *“do papel que, pelo fato de estarem em contigüidade, formando uma extensão contínua e sistematicamente interligados”,* desempenham na história humana<sup>14</sup> (1996, p. 63). De produto das relações sociais de produção, o espaço torna-se o seu reproduzidor, isto é, passa a interferir nos seus rumos. Daí que o espaço não seja apenas *“uma coisa entre as coisas, um produto qualquer entre os produtos; ele envolve as coisas produzidas, e compreende suas relações em sua coexistência e simultaneidade: ordem (relativa) ou desordem (relativa). Ele é o resultado de uma série, de um conjunto de operações, e não pode ser*

---

<sup>12</sup>A idéia de sistema é consequência do conteúdo cada vez mais técnico dos objetos e do próprio território, neste período da globalização.

<sup>13</sup>Assim como não há um objeto etnográfico, antropológico, sociológico, econômico, artístico.

<sup>14</sup>“Sem dúvida, o espaço é formado de objetos; mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que determina os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados) segundo uma lógica. Essa lógica da instalação das coisas e da realização das ações se confunde com a lógica da história, à qual o espaço assegura continuidade” (Santos: 1996, p. 34).

*reduzido a um simples objeto. (...) Efeito de ações passadas, ele permite ações, as sugere ou as proíbe” (Lefebvre apud Santos: 1986, p. 152<sup>15</sup>).*

Assim, este conteúdo mais profundo do conceito de espaço parece corresponder à abstração inicial, caracterizada por Davýdov: é o conceito que indica a rota do sistema teórico, corresponde ao surgimento do concreto (é base universal e genética do todo) e corresponde qualitativamente à natureza de todo o sistema, é a mais simples e compacta forma de relações dentro do todo, essência que garante a unidade de todos os seus desmembramentos.

Esta dialética entre a sociedade e o espaço tem contradições, cuja solução implica no desmembramento dos diversos elementos aparentemente desarticulados. Do ponto de vista teórico-metodológico, avaliamos que os conceitos geográficos – suas conexões – são os veículos destes desmembramentos de elementos e níveis de análise geográfica da realidade.

Assim, este meio geográfico, compreendido como espaço geográfico<sup>16</sup>, é produto da história, pois é a cristalização “*da experiência passada, do indivíduo e da sociedade, corporificadas em formas sociais [espaço] e, também, em configurações espaciais [territórios] e paisagens<sup>17</sup>*” (Santos: 2004, p. 317).

Daí deriva suas categorias básicas: o espaço<sup>18</sup>, o território e a paisagem.

*Nesta condição de produto da história, o espaço inclui as condições pré-existentes em cada lugar, o estoque de recursos materiais e não-materiais, sua organização.*

O espaço geográfico tem, portanto, duas componentes imprescindíveis: a materialidade e as relações sociais. A materialidade do espaço é, ao mesmo tempo, uma condição para a ação, uma estrutura de controle, um limite à ação, um convite à ação.

---

<sup>15</sup>Esta passagem de Henri Lefebvre foi retirada do livro ‘La production de l’espace (1974). Paris: Ed. ANTHROPOS, pág. 88-89.

<sup>16</sup>Isto é, um arranjo particular dos objetos produto e através dos quais o homem transforma a natureza e que, por sua contigüidade, extensão e interdependência, desempenha um determinado papel na história humana.

<sup>17</sup>Isto corresponde ao conceito de prático-inerte de Sartre.

<sup>18</sup>O mesmo que espaço geográfico e espaço banal ou meio geográfico e meio técnico-científico-informacional. O meio técnico-científico-informacional é o meio geográfico deste período do capitalismo, é a cara geográfica da globalização.

Dado o atual sistema técnico, neste momento da história os objetos e as ações se reproduzem como sistemas (racionalmente interligados, interdependentes). Assim, o espaço geográfico passa a ser concebido como produto do sistema dos objetos (sua componente material) que impulsiona o sistema das ações<sup>19</sup> que o condiciona.

Além de meio de vida, de um híbrido de materialidade e relações sociais, de produto e condicionante das relações humanas, o espaço se converte num dado da regulação da história. Técnica é produção, ação social (relações sociais e normas de conduta), discurso e, também, território. O conteúdo cada vez mais técnico<sup>20</sup> (racional) dos objetos e das ações e, conseqüentemente, do território, é exigente de um discurso que os organize e de normas de conduta e de ação que efetive os seus fins: atividades codificadas, motivações, estrangimentos, ordem, regras de ação e de comportamento. Estas normas e regras, oriundas do endurecimento organizacional resultante da técnica, se impõem aos processos produtivos, à circulação de produtos, serviços e informações, ao processo contábil, à planificação e a previsão, aos Estados, ao consumo, às relações sociais, enfim, aos modos de vida. Por isso elas são, simultaneamente, técnicas e políticas, pois transmitem uma ordem imposta, a serviço dos atores hegemônicos. Todas estas características fazem do conteúdo técnico do espaço um regulador da história.

Da noção de espaço, derivam os conceitos de sistema espacial e arranjo espacial<sup>21</sup>. Enquanto o primeiro significa a interligação dos objetos na forma de um sistema, o segundo diz respeito às segmentações, recortes, partições do espaço.

Há dois tipos de arranjos espaciais. Um formado por figuras de pontos contínuos e contíguos, manchas ou extensões formadas de pontos que se agregam com continuidade. Esta figura espacial, embora presente nos dias de hoje, é coerente com os atributos pelos quais o autor define uma geografia

---

19Ou o espaço entendido como um sistema de objetos animado por um sistema de ações.

20Criados para “*exercer uma precisa função predeterminada, um objetivo claramente estabelecido de antemão, mediante uma intencionalidade científica e tecnicamente produzida, que é o fundamento de sua eficácia*” (Santos: 2004, p. 217).

21Ou arranjo territorial; parecendo significar a mesma coisa.

local e uma territorialidade absoluta da ação<sup>22</sup>: um conjunto coerente formado por uma população local, técnicas locais, sistema político local e um regime econômico local, dependente de áreas geográficas restritas, do entorno imediato, situação em que o lugar define, a um só tempo, as condições de vida e as condições (os processos) de sua evolução; ou aquela situação em que a escala da ação é a mesma da escala do resultado da ação, ou quando a ocorrência e a causa ou motor da ação se dão no mesmo lugar, região, país; ou ainda, as formas de vida territorializadas que inclui a integração da metrópole, de áreas complementares, de áreas distantes da divisão longínqua do trabalho.

Outro arranjo espacial compõe-se de figuras formadas de constelação de pontos descontínuos, separados uns dos outros, mas interligados, que se justapõe ou se sobrepõe àquelas manchas. Este arranjo é coerente com os atributos da rede e das ações superpostas em escalas diversas<sup>23</sup>.

O território constitui-se das forças naturais dominadas pelo homem (Santos: 2004), uma extensão apropriada e usada (Santos e Silveira: 2001). Esta relação de domínio sobre as forças naturais é criatura e criadora das relações sociais de domínio. No meio técnico-científico-informacional – o espaço geográfico da globalização – a produção e a existência de uma psicosfera e de uma tecnosfera servem ao controle do território. Enquanto a primeira constitui-se de idéias, crenças, produção de sentido, regras da racionalidade, estímulos ao imaginário, a tecnosfera é o mundo dos objetos, dependentes da ciência e da tecnologia e que aderem ao lugar. Mas a psicosfera e a tecnosfera correspondem, respectivamente, ao sistema de ações e ao sistema de objetos, as duas componentes constitutivas do espaço. Desta forma o conceito de território se confunde com o conceito de espaço.

Por outro lado, o autor faz menção ao conteúdo material do território; o que nos leva a conceber a existência de um conteúdo não-material do mesmo. O conteúdo material pode ser interpretado como a configuração territorial<sup>24</sup>, conceito utilizado pelo autor para se referir ao sistema de objetos, ao espaço-

---

22O que corresponderia a uma sociedade territorializada.

23O que corresponderia a uma sociedade desterritorializada.

24Também denominada de configuração espacial ou configuração geográfica.

materialidade; onde as ações dos sujeitos instalam-se para criar o espaço geográfico. Quanto ao conteúdo não-material do território, avaliamos que se constitua das relações sociais de domínio (de poder) que, entretanto, também pode ser incluído em seu conceito de sistema de ações. E, neste último caso, mais uma vez, o conceito de território se confunde com o conceito de espaço.

Esta ambigüidade também se reproduz nos conceitos de região, lugar, zonas, áreas, cidades que são denominados de recortes espaciais e, em outros momentos, de frações ou partes do território<sup>25</sup> (recorte territorial); ou mesmo quando o autor se refere ao mundo, ao território nacional e ao lugar como subespaços do território. Como subespaços ou como frações do território, o autor faz menção as ações superpostas em escalas diversas - de diversa abrangência geográfica -, do lugar e do mundo e, entre eles, das escalas regionais, supranacionais e continentais. Isto faz do espaço e do território, neste momento da história, o resultado de uma superposição de ações em diversas escalas, tornando quase obrigatória a inclusão das escalas superiores na explicação do que ocorre em determinada área.

Mas a existência do mundo se dá nos lugares. O lugar é a materialidade das coisas e a objetividade da sociedade. Lugar é espaço e território, não apenas como uma de suas frações ou recortes, mas como sua existência concreta, como realidade e efetividade histórica, real, cotidiana, próxima. O lugar, como o espaço, é o resultado “... *da superposição, neles, de ações com escalas diversas, portadoras de contextos com diversa abrangência geográfica e força ativa (ou reativa) diversa*”; palco de “... *combinações pouco duráveis, cujo fator de mudança é esse dado global. Cada lugar é, assim, a cada instante, objeto de um processo de desvalorização e revalorização, onde as exigências de natureza global têm um papel fundamental*” (Santos: 2004, p. 225). Conjunto de possibilidades latentes e oportunidades preexistentes ou criadas (Santos: 1994, p. 44), lugar é “...*a extensão do acontecer homogêneo ou do acontecer solidário e que se caracteriza por dois gêneros de constituição: uma é a própria configuração territorial, outra é a norma, a organização, os regimes de regulação. O lugar, a região não mais o fruto de uma solidariedade*

---

250 autor também afirma que o território é suporte dos lugares, das regiões, das redes.

*orgânica, mas de uma solidariedade regulada ou organizacional*” (Santos: 1994, p. 36). Como vimos, neste momento da história a localidade se opõe e se confunde com globalidade. O Mundo, tornado maior, é mais estranho, sua essência é mais misteriosa, mas sua existência se dá nos lugares, onde ele não pode se esconder, onde se revela a superposição do eixo das sucessões (dos tempos externos das escalas superiores) e do eixo das coexistências (dos tempos internos dos espaços inferiores), fundindo as realidades de espaço e de tempo. Lugar é cotidiano partilhado e compartilhado, é contigüidade, base da vida em comum, de cooperação e de conflito, criador de comunhão e da política territorializada, no confronto entre organização e espontaneidade. Enfim, para o autor lugar, “*é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade*” (Santos: 2004, p. 321/2).

A paisagem é “o conjunto de formas que... exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”; é parte da “configuração territorial<sup>26</sup> que é possível abarcar com a visão”; “conjunto de objetos reais-concretos”; “caracteriza-se por uma dada distribuição de formas-objetos”; é “um sistema material” (Santos: 2004, p. 103). Apesar de material, a paisagem é apenas uma abstração se considerada em si mesma, sem sua associação com o espaço social<sup>27</sup>. Isso resulta, na opinião de Santos, da própria natureza do espaço, “formado, de um lado, pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade” (idem, p. 106).

---

<sup>26</sup>Configuração territorial é “o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área” (Santos: 2004, p. 103).

<sup>27</sup>“Uma casa vazia ou um terreno baldio, um lago, uma floresta, uma montanha não participam do processo dialético senão porque lhes são atribuídos determinados valores, isto é, quando são transformados em espaço. O simples fato de existirem como formas, isto é, como paisagem, não basta” (Santos: 2004, p. 109).

Espaço e território são os conceitos-chave da geografia. Entretanto, a sociedade global não se realiza espacialmente<sup>28</sup> da mesma forma e no mesmo tempo, daí "*a noção de lugar e de área [mas também de região, de cidade] se impõem, impondo ao mesmo tempo a categoria de escala, isto é, a noção de fração dentro do espaço total*" (Santos: 1986, p. 176). A paisagem também é uma escala do território ou do espaço: a escala do olhar.

As ambigüidades e semelhanças quanto aos conceitos de espaço e território, que se materializa claramente no conceito de sistema de objetos e sistema de ações, é conseqüência do problema da dualidade entre a sociedade e o espaço, do problema do 'pensar o humano' a partir da categoria espaço.

### **A interdependência dos conceitos geográficos no pensamento de Ruy Moreira**

Ruy Moreira (2002) vem pesquisando o que denomina de "*categorias, conceitos e princípios lógicos de uma geografia dialeticamente pensada*" que permita estabelecer uma estrutura lógico-conceitual capaz de expressar "*o papel da construção espacial na constituição dos modos de vida das sociedades humanas*"<sup>29</sup>, e de fixar "*teses acerca do que os espaços contenham de determinação*" (Moreira: 1994, p. 150) nesta constituição.

Na relação entre o marxismo e a geografia, este autor (Moreira: 2005) avalia que é o olhar marxista que deve afeiçoar-se às categorias da geografia, de maneira a produzir um conceito dialético<sup>30</sup> e geográfico de espaço, paisagem, território, territorialidade, região, lugar.

A organização espacial do homem corresponde ao processo de transformação da natureza em sociedade através do processo de trabalho; o arranjo do espaço resulta da ação que impulsiona, regula e controla o intercâmbio do homem e deles com a natureza. Este "ser do espaço", isto é, a "hominização do homem pelo próprio homem através do metabolismo do

---

28Ou territorialmente. Como vimos que estes dois conceitos se confundem.

29Geografia é uma representação, uma reflexão analítica referente a "*contextualidade e existencialidade espacial do homem no mundo, condição que difere aqui e ali com as estruturas da história*" (Moreira: 2005, p. 2).

30Triádico: que articula o universal ao singular, produzindo o particular.

trabalho exprime-se enquanto essência da existência deste homem nos diferentes espaços geográficos da superfície terrestre”. O resultado é geograficidade<sup>31</sup>, o ser-estar espacial do homem no mundo (2005, p. 7, 8).

Esta geograficidade é criatura e criadora da construção espacial das sociedades, levada a cabo por intermédio do que o autor denomina de práticas espaciais. Categorias do empírico, as práticas geográficas são mediações que fazem da compreensão do espaço a compreensão da sociedade e da teoria do espaço uma teoria da sociedade (e vice-versa). Por isso que para Moreira (2005, p. 2), a geografia é uma “*práxis governada pela consciência social do homem... uma teoria da ação*”.

As práticas espaciais são ações humanas que combinam a localização e a distribuição. O binômio localização-distribuição é o conteúdo mais profundo do caráter geográfico da configuração do espaço, dos recortes de seu arranjo no âmbito de domínios (territórios) e do arranjo das paisagens.

*Por isso, então, que na definição do espaço, do território e da paisagem é necessário recorrer aos “princípios da lógica geográfica: a localização, a distribuição, a conexão, a distância, a delimitação e a escala<sup>32</sup>” (Moreira: 2002, p. 201). Os princípios lógicos correspondem àquilo que cria o espaço, que converte o espaço em território e o território em paisagem e que dão origem às categorias de base do espaço, do território e da paisagem.*

*O movimento dos princípios, categorias e conceitos se realizam da seguinte maneira:*

“Tudo começa com a criação do espaço pelos princípios lógicos. Primeiro é a localização. O conjunto das localizações converte-se na distribuição. Vem, então, a distância entre as localizações dentro da distribuição. E, assim, a conexão. Basicamente, o espaço está já aí

---

<sup>31</sup>Este conceito e o de práticas espaciais estão presentes nos textos de Yves Lacoste, mas com outros sentidos.

<sup>32</sup>Para Ruy Moreira, os “*antigos compreendiam a importância central e preliminar dos princípios da lógica na formação da personalidade do discurso da representação geográfica. Organizar e estruturar geograficamente, significava para eles, sucessivamente, localizar, distribuir, distar, conectar, delimitar e escalarizar a relação homem-meio, a caminho de transfigurar-se, pelo trabalho, em sociedade*” (2002, p. 201).

constituído, ao definir-se como a unidade daquilo que em seu seio reúne. A seguir, vem a delimitação do recorte do espaço. E, por fim, a escala, o espaço finalmente constituído.

A partir daí, vem o desdobramento triádico [espaço, território e paisagem].

O recortamento do espaço em âmbito(s) de domínio, converte-o no território. O território vem do espaço, qualificado portanto como o espaço visto enquanto um plano de domínio. Se pudéssemos assim dizer, diríamos que território é espaço mais domínio. Daí o território ser normalmente visto como uma categoria da política, enquanto o espaço seria um campo neutro. O que se vê, não é verdade.

A paisagem é uma decorrência dessa relação território-espaço, remetendo ao plano visual da percepção dos recortamentos territoriais do espaço. (...)” (Moreira: 2002, p. 202)

*Como núcleo dos conceitos básicos da geografia, os princípios lógicos estabelecem suas conexões, mas também sua hierarquia a partir da categoria espaço. Por outro lado, eles dão origem o espaço, o território e a paisagem também se desdobram:*

“O espaço se desdobra nas categorias da localização, distribuição, distância, conexão, delimitação e escala. O território nas categorias da região, do lugar e da rede (vindas do recortamento do espaço pelas categorias da conexão e da delimitação, para as duas primeiras, e dos níveis da escala, para a terceira, particularmente). E a paisagem nas categorias da configuração e do arranjo (todas as categorias do espaço combinadas).” (Moreira: 2002, p. 202)

O espaço se divide e se delimita em territórios, e este em regiões, lugares e redes. A paisagem é o arranjo da “... *objetificação (materialização das relações na forma dos objetos espaciais)*” (Moreira: 2002 p. 200) no plano da visibilidade e da percepção e descrevê-la é identificar e mapear a

configuração desenhada pela localização/distribuição e pelos recortes da escala.

*A seqüência que parte do nível mais epidérmico da paisagem, passando pelos recortes de domínios na forma de territórios, até atingir o espaço e sua essência como organização geográfica da sociedade, corresponde ao plano do método. Entretanto, no plano da reflexão epistemológica, a seqüência deve ser lida no sentido inverso, em que o conceito de espaço ilumina o conceito de território e este por sua vez o de paisagem. Enquanto a primeira seqüência corresponde ao método de exposição – que deve orientar a organizado do ensino de geografia -, a segunda corresponde ao método de investigação, distinção estabelecida por Marx em sua concepção dialética de produção de conhecimento.*

*Temos, então, duas maneiras distintas de identificação da abstração inicial da geografia, a partir da qual se articulam os seus conceitos básicos que permitem a dedução das relações geográficas particulares. Espaço, território e paisagem aparecem como conceitos-chave.*

## **Conclusão**

O cruzamento destes elementos da lógica geográfica com novos princípios de estruturação das disciplinas escolares, sugeridos por Davýdov, constitui um pressuposto valioso para investigações experimentais na organização do ensino de geografia, que permita superar o empirismo que marca sua tradição discursiva e desfazer o padrão N-H-E (Moreira: 1987) que o acompanha.

Da mesma forma, precisamos investigar, do ponto de vista psicológico, as operações especiais capazes de revelar aos estudantes o conteúdo das abstrações, generalizações e conceitos constitutivo da geografia, que envolva o uso das paisagens, dos mapas, dos trabalhos de campo e de outros instrumentos cognitivos.

*O significado do processo de construção de conceitos no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos está ligado à formação nos alunos de um pensamento que seja capaz de dar visibilidade ao que é invisível e, assim, compreender os fenômenos na medida em que reproduz seus nexos, relações e dependências complexas.*

## Bibliografia

- COUTO, Marcos A. C. (2005). *Construção dos Conceitos Científicos e Escolares: caminhos para a organização da educação geográfica*. São Paulo: Departamento de Geografia da FFLCH da Universidade de São Paulo; tese de Doutorado.
- DAVÝDOV, V. V. (1982). *Tipos de generalización en la enseñanza*. Ciudad de La Habana-Cuba: Editorial Pueblo y Educación.
- MARX, Karl (1986). *Para a Crítica da Economia Política – Salário, Preço e Lucro, O Rendimento e suas Fontes: a Economia Vulgar*. São Paulo: Nova Cultural, 2ª edição (coleção Os economistas).
- MOREIRA, Ruy (1987). *O Discurso do avesso: para a crítica da Geografia que se ensina*. RJ: Ed. Dois Pontos.
- \_\_\_\_\_ (1994). *Espaço, Corpo do Tempo – A Construção Geográfica das Sociedades*. São Paulo: Departamento de Geografia da FFLCH da Universidade de São Paulo; tese de Doutorado.
- \_\_\_\_\_ (2002). Categories, Concepts and Logical Principles for (The Teaching and The Method of) A Dialectically Thought Geography. In VALE, José Misael F. do et alii. *Escola Pública e Sociedade*. São Paulo: Saraiva/AGB-Bauru.
- \_\_\_\_\_ (2005). Marxism and Geography (A geographycity and the dialogue of ontologies). Texto digitado.
- NOVAK, J. D. e GOWIN, D. B. (1984). *Aprender a aprender*. Lisboa: Plátano Ed. Técnicas.
- SANTOS, Milton (1986). *Por Uma Geografia Nova – Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. SP: Hucitec.
- \_\_\_\_\_ (1994). *Técnica, Espaço, Tempo – Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo, HUCITEC.
- \_\_\_\_\_ (1996). *A Natureza do Espaço – técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, HUCITEC.
- \_\_\_\_\_ (2004). *A Natureza do Espaço - técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, EDUSP.

- SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. (2001). O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record.
- SILVA, Armando C. da (1984). Categorias Geográficas. São Paulo: Instituto de Geografia – USP, Revista Orientação, nº 5, outubro/1984, pág. 92.
- VERGNAUD, Gérard (2003). A gênese dos campos conceituais. In GROSSI, Esther P.. Por Que Ainda Há Quem Não Aprende? – a teoria. Petrópolis: Ed. Vozes; pág. 21-60.
- VYGOTSKY, L. S. (1989). Pensamento e Linguagem. Martins Fontes, São Paulo-SP.